

O BECO DA MORTE E OUTROS ESPAÇOS: NARRATIVAS JUVENIS SOBRE ESCOLA

Maria Angélica Correia Baía – UFAL¹
Jane Paula Soares de Almeida – UFAL²
Angélica Silvana Pereira – UFAL³

Resumo

Esta comunicação é parte de um Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido junto a uma turma em situação de distorção idade/ano escolar de uma escola pública de Maceió/AL/Brasil, a qual era composta por 21 estudantes, sendo 19 deles com idades entre 11 e 15 anos e 2 com 9 anos. Considerando-se que Alagoas apresenta um dos mais elevados índices de distorção idade/ano escolar do país, a pesquisa teve como objetivo analisar as representações culturais sobre a escolarização provenientes das narrativas dos alunos da turma referida e as relações dessas representações com a produção de suas identidades estudantis. Para tal, buscou-se suporte teórico no campo dos Estudos Culturais em seus diálogos com a área da educação e procurou-se construir, cuidadosamente, um percurso metodológico que priorizou ouvir as narrativas dos jovens sobre suas experiências de escolarização. A grande maioria dos alunos mostrava-se ‘tímida’ para manifestar-se oralmente e apresentava elevadas dificuldades de leitura e de escrita, inviabilizando procedimentos de investigação que exigissem ler e escrever. Optou-se, então, por conversas coletivas com a turma e também por entrevistas em grupos. Trata-se, portanto, de uma pesquisa que aguçou o olhar sobre a distorção idade/ano escolar, que tem como personagens centrais alunos narrados e posicionados como preguiçosos, atrasados e problemáticos. Neste contexto, estes estudantes encontravam no ambiente escolar, algumas brechas ou alguns espaços onde podiam ser vistos de outras maneiras. O *beco da morte* é um desses espaços e, segundo relatos de alguns alunos, configura-se num corredor sujo e malcheiroso onde se situa o depósito de lixo e a fossa de gordura da escola. Por ser um espaço ‘inóspito’, há pouca ou quase nenhuma vigilância sobre ele, sendo utilizado como um espaço de brincadeiras, diversão, namoros e escapada das aulas. Assim, estar no *beco da morte* se configura numa prática de desafio às normas e às autoridades escolares, e também numa possibilidade de ter sobre si, outros olhares. Lá os alunos parecem ser despertados a viver sensações que em outros espaços da escola eram vedados, favorecendo o seu reconhecimento diante do grupo que lá se encontravam. Além do *beco da morte*, outros espaços escolares também foram narrados como prazerosos e divertidos, por apresentarem indícios que os distanciam da identidade engessada de alunos problemáticos que lhes eram atribuídas.

Palavras-chave: Distorção idade/ano escolar. Escola. Identidade.

¹ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas, professora de uma escola privada do município de Maceió. Email: angelica.mcz@gmail.com

² Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas. E-mail: janealmeidaufal@gmail.com

³ Professora do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (CEDU/ UFAL), mestre e doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É pesquisadora do grupo de pesquisa *Juventudes, Culturas e Formação*, o qual está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal de Alagoas, sendo coordenando pela prof^a Dr^a Rosemeire Reis. É integrante do Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade (NECCSO/PPGEdu/UFRGS) e do Núcleo de Estudos, Ensino e Extensão sobre Estado, Culturas e Educação (NUECE/ CEDU/UFAL). Participa do Projeto de Pesquisa *Culturas Juvenis em Porto Alegre: cenários de múltiplos desordenamentos*, o qual é coordenado pela Prof^a Dr^a Elisabete Maria Garbin. E-mail: angelicagp2004@yahoo.com.br

Introdução

Esta comunicação é um recorte das análises de um Trabalho de Conclusão de Curso sobre uma turma de jovens estudantes em situação de distorção idade/ano escolar de uma escola pública municipal de Maceió-AL. O estudo teve como objetivo analisar as representações culturais de escola presentes nas narrativas destes sujeitos. A pesquisa foi um desdobramento do Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental desenvolvido ao longo de 2011⁴ com uma turma de 4º ano, a qual era composta por dezenove estudantes em situação de distorção idade/ ano escolar.

As narrativas destes alunos foram colhidas em dois momentos, inicialmente em um diálogo coletivo que posteriormente veio a fundamentar a realização de entrevista com pequenos grupos onde estes alunos expuseram seus sentimentos e suas impressões relacionados às suas experiências com a escolarização.

Para a realização do trabalho nos apoiamos em alguns conceitos do campo dos Estudos Culturais, no intuito instalar questionamentos e análises pautadas no reconhecimento das diferentes culturas, atentando-se aos múltiplos aspectos históricos, sociais e culturais que constituem as identidades dos sujeitos (GIROUX, 2008). Identidades, estas, também provisórias, inacabadas, instáveis e móveis que são produzidas nas tramas da cultura e consequentemente nas representações das narrativas que nelas circulam (HALL, 2006).

Com isto, buscamos reconhecer e analisar as representações culturais destes alunos sobre o processo de escolarização, pois estas representações tornaram visíveis seus desejos, seus sonhos, suas identidades, seus desconfortos, seus sofrimentos, além claro, das práticas escolares e políticas educacionais muitas vezes escassas e precárias.

Assim, este artigo tem a finalidade de refletir como em meio a experiência da escolarização os estudantes de uma turma de alunos em situação de distorção idade/ano escolar narram suas vivências e encontram brechas para viverem sua singularidade na escola, procurando enxergar com estes jovens vêm este *espaçotempo*⁵.

Sobre a distorção idade / ano escolar e o cenário educacional alagoano

Segundo as publicações do Censo Escolar 2010 divulgados pelo Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (IBGE), em Alagoas 35,4% dos alunos do ensino fundamental fazem

⁴ O Estágio Supervisionado constitui-se num componente curricular do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e foi realizado numa escola periférica de Maceió/AL, sob a orientação da Prof.^a Msc. Giselly Lima de Moraes.

⁵ Nilda Alves (2006) propõe a junção das palavras espaço e tempo – *espaçotempo* – para fazer um contraponto à maneira dicotomizada como são tradicionalmente tratados. Para a autora, espaço e tempo na contemporaneidade não são categorias isoladas, são inseparáveis.

parte do índice de distorção idade/ano escolar, percentual consideravelmente superior quando comparado a região Nordeste com 8,3% e o nacional com 23,6%.

No delinear desta pesquisa, estes dados nos conduziram para identificar alguns aspectos da realidade da distorção idade/ano escolar, em nível nacional, regional e estadual levando-nos a compreender que este contingente não se resume a um determinado contexto, eles demonstram que esta é uma realidade que tem assolado o Sistema Educacional Brasileiro. Mas há que se considerar que os percentuais do nosso Estado são alarmantes e nos alertam para a necessidade de um amplo e consistente debate sobre tais indicadores, visando a construção de alternativas para qualificar a educação em nosso Estado.

Um argumento a ser levando em conta para esta discussão se situa em reconhecer a educação como um direito fundamental do sujeito, previsto na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Em seu artigo 1º, esta Lei fala da educação numa dimensão sociocultural, pois ela “abrange processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e manifestações culturais”. Ela estabelece princípios e parâmetros que destacam-se como relevantes na discussão deste tema, enfatizando a igualdade de condições nos quesitos de acesso e permanência na escola com um ensino de qualidade (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, Art. 206, 1988). Como, então, podemos pensar a distorção idade/ano escolar, a partir dos aspectos legais, sociais e culturais que a cercam?

Acreditamos que torna-se relevante, neste momento, imergir, ainda que de forma breve, no conceito de distorção. Numa versão dicionarizada, a palavra distorção significa *mudar o sentido, a posição normal*. Indo ao encontro desta definição, este termo vem sendo empregado para caracterizar um grande número de estudantes que não se encontram no fluxo escolar padrão, ou seja, que não acompanharam a trajetória escolar estabelecida na organização do sistema educacional. Sobre estes alunos recai a ideia de fracasso escolar e, dentro das políticas educativas eles são identificados como aqueles que por algum motivo, foram retidos em determinado ano escolar ou abandonaram a escola, requerendo assim trabalhos diferenciados para a chamada “correção do fluxo”.

Nos apoiamos no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) que vê a distorção idade série⁶ como um indicador que

⁶ Este glossário ainda utiliza o termo distorção idade-série, porém a expressão série não é mais utilizado após a implantação do ensino de 9 anos para o Ensino Fundamental, que passou a utilizar o termo *ano escolar*.

permite avaliar o percentual de alunos, em cada série, com idade superior à idade recomendada. Como o Censo Escolar obtém a informação sobre idade por meio do ano de nascimento, adotamos o seguinte critério para identificar os alunos com distorção idade-série: considerando o Censo Escolar do ano t e a série k do ensino fundamental, cuja a idade adequada é de i anos, então o indicador será expresso pelo quociente entre o número de alunos que, no ano t , completam $i + 2$ anos ou mais (nascimento antes de $t - [i + 1]$), e a matrícula total na série k . A justificativa deste critério é que os alunos que nasceram em $t - [i + 1]$, completam $i + 1$ anos no ano t e, portanto, em algum momento deste ano (de 1º de janeiro a 31 de dezembro) ainda permaneciam com i anos e, por isso, o critério aqui adotado, considera estes alunos como tendo idade adequada para esta série. Os que nasceram depois de $t - [i + 1]$ completam, no ano t , i anos ou menos.⁷

Percebemos assim, que existe um fundamento que solidifica esta organização num percentual médio entre o ano escolar e a idade dos alunos. Aos nos pautarmos numa proposta de ensino de nove anos conforme a Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 que estabelece como obrigatório a sua implantação até o ano de 2010, sabe-se que a idade estabelecida para ingresso na Educação Básica é a partir dos 6 anos de idade. Por isso, espera-se que estes alunos, ao trilharem a trajetória escolar no Ensino Fundamental, devam concretizá-la entre 14 e 15 anos de idade.

Deste modo, compreende-se que a distorção é identificada como uma problemática educacional, caracterizada pelo reconhecimento das dificuldades no processo de aprendizagem, em proporções que impedem ou minimizam os avanços dos estudantes em sua vida escolar.

Na Região Nordeste, estes determinantes tem sido configurados pela incidência de um conjunto de fatores, destacando-se duas problemáticas: o abandono escolar e a repetência⁸. Embora estes aspectos não sejam o foco deste estudo, eles nos renderiam longas reflexões sobre como o Sistema Educacional Brasileiro tem se posicionado de acordo com os índices publicados e que avanços têm sido apontados pelos programas governamentais criados para atender esta demanda. Neste caso, a repetência escolar foi um determinante quase que total para que os alunos participantes desta pesquisa estivessem nos índices de distorção idade/ano escolar.

No entanto, mesmo reconhecendo que a distorção é concebida em várias vertentes, aqui nos incumbiu refletir como tem se configurado a realidade dos seus protagonistas

⁷ Conceito extraído do site do INEP em Sistema de Estatísticas Educacionais - Glossário de Termos, variáveis e indicadores educacionais. Disponível em: < <http://www.edudatabrasil.inep.gov.br/glossario.html> >. Acesso em: 10 de set. 2011.

⁸ Estudo realizado com nos índices de distorção idade/ano escolar na região Nordeste do Brasil. MELO, L. M. C. ; LIMA, A. C. C. . **Determinantes da taxa de distorção idade-série: uma análise espacial para a região Nordeste do Brasil**. In: VII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos, 2009, São Paulo. Anais do VII ENABER, 2009. Disponível em: < <http://aplicativos.fipe.org.br/enaber/pdf/123.pdf> >. Acesso em 29 set. 2011.

assolados por esta marca capaz de produzir identidades e subjetividades educacionais marginalizadas e inferiorizadas diante das dificuldades de cumprir seu tempo de escolarização com sucesso, dentro do tempo desejado. Assim, assumem-se como problemáticos e são capazes de repetir discursos que os desqualificam, que os narram como fracassados, tomando tais discursos como verdades sobre si mesmos.

Começamos então, a compreender que o meio em que estávamos nos inserindo e a realidade que presenciávamos com estes alunos não se resumiam em pensar ações pedagógicas para este aluno evadir-se dos índices de distorção idade/ano escolar, pois outros pontos repercutiam e necessitavam ser reconhecidos. As marcas da distorção também não poderiam ser resumidas a uma ou mais dificuldades de aprendizagem. Ensiná-los a ler e escrever não era o bastante... A necessidade de repará-los, reconhecer seu potencial era um aspecto essencial em sua formação cidadã, especialmente num contexto em que as narrativas mais frequentes sobre estes alunos e destes alunos sobre si mesmos expressavam expectativas frustradas de sujeitos marginalizados devido às falhas nos seus processos de escolarização.

Nosso campo, nossa fonte de inquietações ...

Nesta direção, ao ponderar as configurações da distorção idade/ano escolar, identificado-a como uma problemática educacional, caracterizada pelo reconhecimento das dificuldades no processo de aprendizagem, em proporções que impedem ou retardam os avanços dos estudantes em sua vida escolar buscou-se compreender a realidade dos seus protagonistas, sendo estes, alunos assolados por esta marca capaz de produzir identidades e subjetividades educacionais, marginalizadas e inferiorizadas diante das dificuldades de cumprir seu tempo de escolarização com sucesso dentro de um tempo estipulado na organização do sistema educacional.

Diante disto, reconhece-se que os alunos em distorção idade/ano escolar podem ser vistos de diferentes formas e ângulos, parecem-nos naturalizadas narrativas que atribuem a eles adjetivos como problemáticos, desviantes, lentos, anormais, desinteressados e incapazes de cumprir um determinado percurso escolar pré-estabelecido. Essas marcas podem trazer para estes alunos “distorcidos”⁹ um caráter de exclusão que influencia nas experiências e nos modos como estes veem a escola, interferindo nos significados que constroem sobre ela e produzindo modos como esses sujeitos percebem-se a si mesmos.

⁹ Utilizaremos o termo - aluno distorcido- nos remetendo aos alunos em distorção idade/ano escolar por compreendermos que, sobre estes, existem um identidade construída e disseminada socialmente, identidade esta, “distorcida” por generalizar estes alunos, negativamente, como sujeitos sem interesse pelo aprendizado escolar.

Partimos então do pressuposto que as experiências escolares vividas por estes alunos atuam na produção e na circulação de significados as representações culturais que eles têm sobre a escola e sobre o processo de escolarização que acabam por atuar sobre a produção de suas identidades. Salientamos que o grupo que aqui ressoa suas vozes refere-se a uma turma de 4º ano composta por vinte e um alunos: dois eram alunos do fluxo tido como regular de idade /ano escolar com faixa etária de nove anos e os demais tinham entre onze e quinze anos, sendo treze meninos e oito meninas onde estes eram provenientes da classe baixa pobre. Como existia um alto índice de alunos em distorção idade/ano escolar na instituição a direção da escola optou por formar esta turma com o propósito de trabalhar especificamente suas dificuldades de aprendizagem qualificadas na área de leitura e escrita.

E foi ao aproximarmos desta turma que nos inquietamos com seus impasses, logo que as narrativas de nossos protagonistas, os alunos, apresentavam uma escola de vários nuances e trazer suas vozes, apreciações e porque não dizer depreciações eram estimáveis, pois a juventude, aqui em especial alunos em distorção idade/ano escolar apresentavam um diferencial na forma com que contemplavam a escola, logo que estes são identificados com a marca de um contexto em que as narrativas mais frequentes sobre estes alunos e destes alunos sobre si mesmos expressavam expectativas frustradas de sujeitos marginalizados devido às falhas nos seus processos de escolarização. Assim, suas falas trouxeram diferentes sentidos, signos e significados que no conduziram a pensar e os contornos da vida escolar.

Pensando o *espaçotempo* escolar

Diante das narrativas compreendemos que estes alunos não falavam somente da escola, mas sobre seus processos de escolarização. Em outras palavras: falavam sobre o processo de tornar-se escolarizados, adaptados aos tempos e espaços escolares, aos seus objetivos, às suas exigências e, acima de tudo, falavam sobre os resultados esperados de tal processo e as repercussões em suas vidas diante do não atingimento dos objetivos escolares. Neste instante recordamos as palavras de Costa (2001) ao falar sobre a tarefa que a escola possui referente a educar para um mundo civilizado, onde o processo de escolarização foi agrupado entre outros preceitos a uma “civilização de costumes que regula o uso do corpo e regulamenta os comportamentos sociais” (COSTA, 2001, p. 25). Assim, muitas vezes, esta pode criar mecanismos discriminatórios determinando quais seriam seus alunos “bons” ou “ruins” sendo este último agregado a uma identidade fabricada pela exclusão por não seguir perfeitamente os “desígnios da sociedade e cultura em que vive” (idem, p. 27).

Percebe-se neste estudo que as representações desse processo nas narrativas de estudantes que vivem o dilema da distorção idade/ano escolar leva-nos a considerar a existência de uma trama de discursos, de narrativas, de representações sobre o processo de escolarização que circulam em todos os espaços sociais nos quais parecem preponderar argumentos em torno da sua importância para que os sujeitos possam “ser alguém na vida”. Como então estes sujeitos que não atingem minimamente os objetivos de cada ano de escolarização podem ver-se como sujeitos em meio a esses discursos?

Podemos pensar que a escola veio a ser identificada como uma construção social que se estabeleceu para disseminação de costumes, conhecimentos, comportamentos e valores, e a forma com que o sujeito a experimenta e interpreta vêm a configurá-la num *espaçotempo* de inúmeros sentidos, vivências e significados. Logo, as narrativas emergiram aspectos da cultura, práticas sociais, manifestações e inquietações dos sujeitos implicados neste *espaçotempo* escolar. E neste trançado de representações os alunos trouxeram o valor social atribuído aos *espaçotempo* que compunham a sua escola, significado-os a partir das suas experiências, relacionamentos e descobertas. Mesmo diante de uma realidade tomada pelas práticas disciplinares, regulação de condutas e controle as quais eram submetidos, eles também vivenciavam seus desafios, conflitos, brincadeiras, sentimentos e emoções que os conduziam as manifestações de suas identidades juvenis e a construção de sentidos para a experiência da escolarização, criando neste processo estratégias para viverem suas subjetividades, elegendo cenários, espaços para eles inusitados como o tão comentado “*beco da morte*”, estando este longe do olhar do controle e da vigilância, espaço de inúmeras possibilidades e feitos deste grupo.

Sinais de vida no *beco da morte* e em outros espaços

A escola era reconhecida por estes ‘alunos distorcidos’ como uma instituição social impregnada por ideais disciplinadores que atuam tanto na dimensão cognitivas como nas regras de conduta. Porém nela existem territórios demarcados nos quais era possível transcender os limites da institucionalização, onde em meio às estruturas que os cercavam e os mantinham sob olhar da vigilância constante, estes, criavam brechas para viverem seus interesses, ressignificando o *espaçotempo* escolar.

Neste caso percebemos como eles se “apropriavam dos espaços que a rigor não lhes pertenciam, recriando neles novos sentidos e suas próprias formas de sociabilidade” (DAYRELL, 1996, p. 147). Em meio a inúmeros locais como pátios, corredores, salas de aula, banheiros, sala de informática e de leitura os alunos em sua maioria remeteram suas

narrativas a um beco da escola, onde este recebia diferentes representações. Dentre elas na perspectiva da instituição este era utilizado como uma espécie de depósito de lixo, como aponta um aluno:

O beco da morte tem mau cheiro, a fossa da escola e a gordura ficam lá. Fede muito! (Carlos, 13 anos)¹⁰

Pelos alunos, apesar de ser identificado como um local inóspito, em outros momentos este era significado como ambiente propício a aventuras e práticas de diversão. O beco foi definido por um aluno como beco da morte em referência a situação de perigo em que se envolviam quando iam até lá. Este perigo não estava relacionado com o fato deste ser um lugar insalubre, mas sim, com o risco de serem surpreendidos por algum funcionário da escola que os repreenderia e os lavaria para a direção. Desse modo, estar no beco da morte se configurava numa prática de desafio às normas e às autoridades escolares. Lá os alunos eram despertados a viverem sensações que em outros espaços da escola eram vedadas. E assim eles expuseram:

No beco eu brinco de correr e tem bagunça! (Neymar, 14 anos)

Tem muito namorado na escola, tem no bequinho e no pátio. Eu já fiquei lá... uma vez eu fiquei com um menino que me apertou tanto que eu fiquei até sem ar! (Paula, 13 anos)

Estes relatos demonstram que os alunos faziam uso daquele espaço “sujo e nojento” atribuindo outros significados a ele. Como se pode observar numa fala em que um aluno cita, “[...] fazer muita tarefa na sala eu fico doido, doido! Eu pulo a janela [...]” e ao pular a janela este aluno vai direto para o beco da morte: seu lugar de fuga e esconderijo. Segundo as narrativas de alguns alunos lugares como estes a maior parte dos funcionários não apareciam exatamente por causa da sujeira e do mau cheiro. Estas representações sobre o beco da morte sejam elas como lugar de brincadeiras, diversão, namoros e escapada das aulas vem a ser resultado das próprias características dos espaços escolares que impõe aos alunos restrições quanto as suas formas de utilização que acabam por vezes negando as características das culturas juvenis como a diversão e brincadeiras entre si. Assim, práticas como estas são comuns em algumas escolas nas quais os alunos buscam transformar determinadas áreas como banheiros, pátios, corredores, recantos e becos em territórios para outros propósitos.

¹⁰ Os nomes dos sujeitos são fictícios a fim de preservarmos as suas identidades.

Isto se configura como um exercício de identidade que permitia aos alunos reconhecerem-se dentro de um grupo.

Nesse caso, frequentar o beco da morte pode significar pertencer a um grupo cuja marca identitária não é a dificuldade para aprender ou a distorção, mas a ousadia. Para estes alunos em particular este traduzia a possibilidade de viverem aquilo que lhes era próprio chamando atenção para o que faziam e não para o que eram taxados: alunos em distorção idade/ano escolar. Logo, neste lugar abandonado temporariamente eles também abandonavam sua condição de “aluno distorcido” e assumiam-se enquanto garotos e garotas portadores de uma cultura com valores, regras, consentimentos e desejos de experimentação. Desta forma, o beco da morte era um local excluído, onde os excluídos se incluíam e viviam nele suas subjetividades.

Aqui identificamos a pluralidade da dimensão simbólica atrelada aos contornos que demarcavam o *espaçotempo* escolar marcado pelas variações de interesses e relações que faziam os sujeitos se reconhecerem dentro de estruturas distinguidas por determinadas características físicas que delimitavam práticas e comportamentos, entretanto estas eram constantemente transgredidas e ressignificadas em suas ações e apreciações.

Logo aquilo que poderia nos parecer como estático nos é na realidade um campo complexo de marcas que traçam as ações e formas com quem os sujeitos vivenciam cada espaço e situações. Pois a escola aqui sugere ser reconhecida como um espaço marcado pela diversidade das relações humanas sob o olhar da cultura e dinamicidade das experiências acumuladas cotidianamente das quais permitem a construção de diferentes sentidos e formas de perceber as vivências que ela propicia.

Estas narrativas abriram novas questões em que o bem-estar da escola estava inteiramente atrelado a como os seus atuantes se relacionavam e atuavam entre si. Há neste momento um resgate sobre o próprio papel destes na trama da instituição, onde seus comportamentos neste *espaçotempo* estabeleciam uma interação onde a escola torna-se um “processo permanente de construção social” (DAYRELL, 1996, p. 136-137). O valor do *espaçotempo* apresenta um significado, neste caso no beco da morte estes alunos pareciam sentir-se perceptíveis em um lugar onde não eram tratados com segregações, mas eram compreendidos como indivíduos que possuíam “uma historicidade, com visões de mundo, escala de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos” (idem, p. 140).

A vida escolar instituída cotidianamente ordena-se por várias dimensões em que seus envolvidos abarcam alianças e conflitos. Apesar das regras e delimitações constituídas, estas permutam entre acordos, estratégias coletivas e individuais (DAYRELL, 1996, p. 37). A

amizade construída, e porque não inimizades; os segredos compartilhados, as brincadeiras e piadas contadas na sala de aula, o convívio entre alunos e funcionários que se estabeleciam na fila na hora da merenda, no pátio e portão da escola, enfim, entre os tantos espaços e situações em que as relações vão tomando forma.

Em relação a estes momentos de entusiasmo e de diversão no âmbito escolar parece-nos pertinente destacar também algumas narrativas que trouxeram à mostra eventos e festas promovidas pela escola tais como a festa que teve pula-pula, banho na piscina, as aulas de Educação Física, e momentos destinados a jogar bola e queimado...

De alguma maneira estes espaços e momentos se configuravam numa possibilidade de ‘esquecer’ sua condição de alunos em distorção e os significados dessa marca identitária. Ao serem perguntados sobre coisas boas que viveram na escola, dois alunos responderam:

Gincana [...] quem trazia mais material para aproveitar [reciclar], ganhava!!! Eu trouxe muito!!!!
(Pedro, 12 anos)

Gostei do campeonato de futebol e da festa que fiz a dança do Michael Jackson. (Cristiano, 14 anos)

Observarmos nas falas de Pedro e de Cristiano que nas atividades referidas tornou-se possível que eles tivessem outras formas de visibilidade, pautadas em atividades bem sucedidas em que suas atuações foram vistas de forma positiva por eles mesmos e provavelmente pelos outros também. Estas narrativas apontam para momentos em que a escola desempenha sua função de espaço sociocultural como defende Dayrell (1996) de forma que a mesma escola que classifica, regula e controla pode também ser um espaço mais frouxo, descontraído e, principalmente, capaz de promover situações nas quais os alunos possam mostrar-se de forma distinta aos demais momentos formais. Mas este entrançado de sentimentos e situações nos demonstraram quão dicotômico o espaço escolar vem a se configurar o “bom” não se desassocia do “ruim” eles cruzam-se a todo instante. A escola, por exemplo, divide-se entre a diversão, interesses juvenis, construções de identidades, conflitos e classificações.

Estes impasses contornavam os corredores, salas, banheiros e pátio da escola. Corriqueiramente os alunos contavam histórias que distinguiu estes locais, histórias que lhes despertavam a memórias, traziam sentimentos e despertavam o imaginário ao narrarem às viagens que a sala de leitura propiciava a cada contação de histórias, nas singelas folheadas e

o fascínio instigado nas imagens dos livros, as festas e brincadeiras, e até gargalhadas quando relatavam as fugidas da sala e as “ficadas¹¹” pelo beco da morte e pátio.

Considerações

Estas narrativas provenientes de parte dos *personagens/atores* da escolarização - os alunos – nos convocaram a reconhecermos a instituição escolar em seu caráter ambíguo: ela parece ser boa e ruim; importante e desnecessária; prazerosa e sofrida; inclusiva e excludente; tudo ao mesmo tempo. Percebemos então que esta era a escola para estes alunos, seu *espaçotempo* onde suas experiências não se limitavam as aulas de Português e Matemática, mas remetia-se a vida escolar, a cada segundo nos encontros e desencontros, nas situações que surgiam eles se descobriam quanto alunos, amigos, namorados, sujeitos socioculturais. Não esquecendo que estes ‘alunos distorcidos’ estavam em um *espaçotempo* impregnado por ideais de condutas regido em normas e regras que os procuravam ‘habilitar’ para a vida em sociedade, ideais estes que muitas vezes os marcavam como fugitivos ou desviantes de objetivos do meio escolar.

A escola não tinha uma face, esta era múltipla assim como os jovens que a circulavam. Mesmo em meio a junção destes alunos em uma única sala, sob a responsabilidade de apenas um professor para dar-lhes conta do aprendizado da leitura e escrita, além do currículo estabelecido para o 4º ano, sem falarmos da dificuldade e segregação que sentiam dos outros alunos regulares e alguns funcionários da escola, das brigas por diferenças de idades, dificuldades sociais, baixa frequência e as próprias condições que se mantinha a escola, enfim estes alunos sabiam que existia o além, as relações davam vida a este *espaçotempo* e eles eram astutos, criavam formas de negociarem ou driblarem o próprio processo de escolarização onde o cotidiano destes pautava-se em atrelar e aos poucos lhe darem com estes inúmeros ‘bombardeios e brisas’ da vida escolar.

Esta realidade nos aguça a reconhecer como a identidade, sendo esta de múltiplas facetas não é estática, não nasce predestinada, mas é reflexo do meio numa inacabável mutualidade de valores, preceitos e achismos dos sujeitos e espaços. Assim a escola não é uma, muito menos aqueles que nela movimentam-se. Ela é um *espaçotempo* ativo inundado por significados que são (re)significados por estes jovens que também mostram buscar seus espaço ali, que trazem suas angustias, seus valores importâncias e significados. O beco da

¹¹ Ficada é um termo muito usado pelos jovens para referir-se aos encontros em que os mesmos ‘namoram’ sem compromisso ou fidelidade amorosa.

morte é este exemplo de infinita utilidade sejam estas das mais abissais possíveis. E é neste estante que compreendemos que estes alunos trazem diferentes formas de vida e sentido para suas vivências escolares.

Referências:

ALVES, Nilda. Escola e cultura contemporânea – novas práticas, novas subjetividades, novos saberes: em torno de artefatos culturais. In: SOMMER, Luis Henrique; BUJES, Maria Isabel Edelwiess (org.). **Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens**. Canoas: Ed. ULBRA, 2006, p. 163-175.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição [da] Republica Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm . Acesso em: 10 nov 2011.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece a as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 1996.

BRASIL. Lei n. 11274, 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29,30,32 e 84 da Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece a as diretrizes e bases da educação nacional dispondendo sobre a duração de 9 anos para o ensino fundamental com matrícula obrigatória a partir dos 6 anos de idade. **Diário Oficial da União**, Brasília, 3 fev. 2006. COSTA, Marisa Vorraber. Sou repetente. E agora? Quando a diferença é déficit. In:

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: _____ .(Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996. p. 136-159.

GIROUX, Henry. Praticando estudos culturais nas faculdades de Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.) **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 2008. p.85-103.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE. **Série estatística & Séries históricas: eficiência do sistema de ensino e rendimento escolar (2007-2010)**. Disponível em: http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/lista_tema.aspx?op=0&no=4 >. Acessado em 20 out. 2011.

INEP. **Edudatabrasil – Sistema de Estatísticas Educacionais: Glossário de Termos, variáveis e indicadores educacionais**. Disponível em: <http://www.edudatabrasil.inep.gov.br/glossario.html>. Acesso em: 10 de set. 2011.

MELO, L. M. C. ; LIMA, A. C. C. . **Determinantes da taxa de distorção idade-série: uma análise espacial para a região Nordeste do Brasil**. In: VII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos, 2009, São Paulo. Anais do VII ENABER, 2009. Disponível em: < <http://aplicativos.fipe.org.br/enaber/pdf/123.pdf> >. Acesso em 29 set. 2011.